

## **A presença dos pátios, largos e adros de igreja na paisagem do grande Recife** *Churchyards, "Largos", and Forecourts in the Great Recife Area Cityscape.*

Sandra A. Leão Barros

### **Filiación**

Arquiteta e Urbanista (UFPE), Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas (FAU.USP)  
E-mail: [sandleao@gmail.com](mailto:sandleao@gmail.com)

### **Resumen**

Desde os primeiros recortes territoriais do grande Recife, as igrejas pontuam o cenário urbano com suas torres, seus adros e pátios, sendo fortes símbolos de reconhecimento e identificação de bairros da cidade. As igrejas e seus pátios e adros fizeram parte dos primeiros engenhos e sesmarias, depois freguesias, hoje bairros, conferindo uma certa ambiência urbana que não foge à regra sobre a forma de ocupação característica do Brasil colônia, foram e são espaços de convivência da sociedade das cercanias, constituindo hoje espaços públicos e laicos na maioria das vezes. Fazem parte da paisagem urbana dessa cidade, associada ainda a proximidade da água, seja ela rio, mar ou açude, que atua como identidade e conformação espacial intrínseca a esta paisagem. Neste ensaio trazemos vários exemplos para ilustrar essas idéias esboçadas ao longo do texto.

### **Palabras Clave**

Pátios de igreja, adros, largos, região metropolitana do Recife, identidade, morfologia urbana, paisagem.

### **Abstract**

*From the earliest land partitions in the Great Recife Area, the churches have pointed out because of their towers, forecourts, and yards. These are symbols of recognition and identification for the different districts in the city. The churches and churchyards were part of the first land grants known as sesmarias, that then became known as parishes and now are called districts. These districts have a certain urban atmosphere that doesn't differ from the typical colonial Brazil manner of occupation, they were spaces where the common folk from the vicinity gathered, today they are public secular spaces. These spaces are a part of the city landscape of Recife, and their proximity to water bodies such as the river, the sea and reservoir, contribute to the identity of this cityscape. The article includes several images to illustrate the ideas presented by the author.*

### **Key words**

*Churchyards, forecourts, largos, metropolitan region of Recife, identity, city morphology, cityscape.*

### **Sumario**

Introdução e conceituação

- 1.- Um pouco do passado dos pátios, largos e adros de igreja no grande Recife
- 2.- A morfologia desses espaços
- 3.- A forte presença da água na identificação desses espaços e em suas proximidades
- 4.- O panorama atual
- 5.- Conclusão

## Referências bibliográficas

### **Introdução e conceituação**

Os espaços livres junto a igrejas, sejam eles adros, largos ou pátios, são desde sempre espaços abertos. Livres (o que não diferencia público de semi-público), conferindo um certa monumentalidade ao templo. São objeto deste ensaio. Nomenclaturas muitas vezes não claras de diferenciação, comecemos com algumas definições e listando as que vamos utilizar nesse texto.

As igrejas, edificações que marcam a paisagem, tanto pelo seu tamanho e posição geográfica no sítio, como pelo lado histórico-simbólico da ocupação dessa região e representante do poder papal, são geradoras de espaços contíguos muito característicos dessa paisagem, os quais apresentam funções de agregar população, servir de início/fim de procissões e festas de padroeiras, ladear mercados e feiras, servir de espaços de lazer.

O que restou das igrejas e dos espaços livres que as cercam são hoje testemunhos de um passado que ainda se faz presente, conferindo identidade a estes sítios, e muitas vezes ainda exercendo a mesma função de outrora.

De início, passemos a questão do nome desses espaços - largo, adro, pátio. Denominação difícil de diferenciar, tanto no conteúdo como na leitura espacial destes espaços. Vejamos quatro referências:

Adro: Terreno em frente e/ou em volta de igreja.

Largo: 1.- Que tem grande extensão transversal. 2.- Amplo, vasto. 3.- Que não é estreito ou apertado; folgado. 4.- Importante, considerável. 5.- Generoso, liberal. 6.- Largura. 7.- Praça (1 Lugar público cercado de edifícios; largo).

Pátio: Recinto descoberto no interior dum edifício. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

Adro: Terreno em frente da igreja e, `as vezes, em volta dela (do lat. Atriu)

Largo: Pequena praça (do lat. Largu)

Pátio: Recinto descoberto, no interior de um edifício ou rodeado por edifícios; terreno murado, anexo a um edifício; átrio; vestíbulo; grande saguão. LUFT, Celso Pedro, FERNANDES, Francisco (orgs.). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Globo, 1993.

Adro: (do lat. Atriu) 1. Terreno em frente ou em redor de uma igreja. 2. Antigo cemitério, quando os enterramentos eram feitos no próprio templo e ao redor dele.

Largo: Praça urbana.

Pátio: 1.- Recinto térreo ou calçado, murado e descoberto no interior de uma casa ou anexo a ela. 2.- Espaço descoberto que em muitos edifícios vai desde a entrada externa até a construção principal; átrio, vestíbulo. 3.- Ant. Edifício ou aulas em que se

professavam humanidades: freqüentar o *pátio*. 4.- Praça fronteira a uma igreja; adro. DICIONÁRIO Brasileiro da Língua Portuguesa. Encyclopaedia Britannica do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

Largos: São espaços livres públicos definidos a partir de um equipamento geralmente comercial, com o fim de valorizar ou complementar alguma edificação como mercado público, podendo também ser destinados a atividades lúdicas temporárias.

Pátios: espaços livres públicos definidos a partir de uma igreja ou outro elemento arquitetônico expressivo, além do casario antigo aos quais dá acesso, quase sempre pavimentados e exercendo a função de respiradouros, de propiciadores do encontro social e eventualmente destinados a atividades lúdicas temporárias. SÁ CARNEIRO, Ana Rita, MESQUITA, Liana de Barros (orgs.). *Espaços livres do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/UFPE, 2000, p. 29.

Para o nosso ensaio, iremos considerar adro como espaço imediatamente contíguo ao templo, como se fora um terraço lateral ou frontal, mas de alguma forma pertencendo ao partido construtivo. *Largo* como um espaço fronteiroço, um calçadão por vezes, mas um espaço entre o templo e o espaço público que o envolve. E *pátio* como um espaço fora do domínio do templo, porém compondo junto com ele uma área livre próxima, conferindo monumentalidade a este e agregando pessoas para suas atividades.

### **1.- Um pouco do passado dos pátios, largos e adros de igreja no grande Recife**

De início, os engenhos predominavam a paisagem do grande Recife e toda a costa do Nordeste. Fontes primeiras de ocupação e geração de renda da região, já possuíam em seus equipamentos as primeiras igrejas. Singelas construções que refletiam o cacife econômico daquela família proprietária ali instalada, e serviam também de cemitério para os moradores daquele engenho.

Com a exceção dos núcleos históricos do Recife e de Olinda, que desde as suas respectivas fundações, como Vila de Pescadores e comerciantes e moradia dos senhores de engenho, tiveram suas igrejas a pontuar o cenário. Olinda, seguindo o modelo urbanista português, planejada sobre as ladeiras da Cidade Alta, tinha nas igrejas os pontos de destaque da malha urbana, pontos de observação e defesa do porto erguido mais adiante à sua direita, perspectiva que se pode observar ainda nos dias atuais. Recife, porto precário depois dominado pelos holandeses, sofreu inúmeros aterros; primeiro com o sistema de fortes e fossos, depois com um parcelamento diferenciado do português, com ruas mais largas e planas, quadras com gabaritos uniformes e esquadrias de grandes proporções, ainda se conserva em grande parte na Cidade Maurícia, hoje bairros de Santo Antonio e São José.



O Recife é singular. Nascida do comércio portuário como estuário natural, tem Olinda no alto da colina como sua protetora e local de moradia da aristocracia açucareira. É invadida pelos holandeses, que optam por esse sítio geográfico enlameado e mais próximo do que estavam acostumados em suas terras baixas. Aqui implantam um desenho urbano com um sistema de fortes, fossos, canais, pontes, portas, armazéns portuários. Sem contar com dois palácios de seu príncipe - corte essa que vai gerar espaços públicos pioneiros na forma de ocupação de sua época, como o Parque/Jardins de Friburgo, hoje Praça da República.

A liberdade de culto foi fundamental na construção dos primeiros templos religiosos, fossem eles católicos ou judeus (sinagogas) - que no Recife encontravam vários postos de trabalho no comércio local. E que chega a alcançar um número significativo de imigrantes a comunidade judia local<sup>1</sup>.

No século XVIII e XIX, já depois da expulsão dos holandeses e da volta dos portugueses à cena, juntamente com a chegada das ordens religiosas (carmelitas, beneditinos, salesianos, etc.), há a proliferação de templos, principalmente no centro do Recife, onde estava a mancha urbana adensada até então.

Nos arrabaldes figuram-se as igrejas remanescentes dos engenhos a esta altura as propriedades já se encontram loteadas em sítios e chácaras. Já são ocupadas sazonalmente nos meses de verão pelos mais abastados para usufruto da água dos rios próximos como terapia médica e banhos de rio.

<sup>1</sup> Os historiadores e pesquisadores Tânia Kaufman e José Luis Mota Menezes, junto com a comunidade judaica local, já vêm desenvolvendo trabalhos acerca da presença judia no Recife desde sua origem, incluindo como centros de estudos tanto a Sinagoga das Américas na rua do Bom Jesus (Recife Antigo) como a UFPE.

Nos demais trechos da Região Metropolitana sobressaem-se os templos construídos como sedes das paróquias ou freguesias primeiras, depois elevadas à vila de então cidades.

No caso de Jaboatão, o município surge com três núcleos de ocupação: Prazeres (1), Jaboatão centro (2) e Muribeca (3)<sup>2</sup>, como se puede observar en la figura 02. Hoy se encuentra dividido en tres distritos: Prazeres (distrito sede -1), Jaboatão centro (2) y Cavaleiro (3).



Jaboatão<sup>3</sup>, assim como inúmeras outras cidades brasileiras, oriundas de engenhos de açúcar, depois freguesias e hoje cidade, tem sua configuração espacial semelhante a

<sup>2</sup> (1) Prazeres - núcleo mais próximo da praia, apresenta igrejas como pontos de povoação inicialmente isoladas, como a Igrejinha de Piedade, a Igreja de N. S. do Loreto e a Igreja de N. S. dos Prazeres - no alto da colina - erguida em agradecimento a Nossa Senhora pela vitória dos portugueses sobre os holandeses, que teve nesse espaço um dos locais das mais sangrentas lutas contra o inimigo. Os outros locais foram o Monte das Tabocas e o Engenho Casa Forte. Hoje essa área faz parte do cone de vôo do Aeroporto dos Guararapes, sendo proibido as construções em altura em suas proximidades. (2) Jaboatão centro - "A freguesia de Santo Amaro de Jaboatão, criada em 1568, foi elevada à condição de sede da Comarca pela Lei no. 1093 de 24/06/1873. Jaboatão centro é composto por dois grandes conjuntos antigos de interesse histórico. Em um deles, encontram-se as igrejas do Livramento e de Sto Amaro, erguida em 1691 e remodelada em 1852. No outro conjunto, destacam-se a Igreja do Rosário, o cine-teatro Samuel Campelo e o antigo Mercado Público, atual Casa da Cultura".

(3) Muribeca - "A povoação da Muribeca, localizada a margem direita do rio Jaboatão, foi erguida em 1598, quando o segundo donatário, Duarte Albuquerque Coelho, concedeu a Sesmaria de Sto André da Muribeca, em 1568, a Arnau de Holanda e sua mulher Brites Mendes Vasconcelos, donos dos engenhos Santo André e Novo da Muribeca. No final do século XVII, foi construída na freguesia a Igreja de N. S. do Rosário e em 1774 somavam-se a ela as Igrejas de S. Gonçalo e a de N. S. do Rosário dos Pretos. Sob jurisdição de Olinda, a sede foi elevada a categoria de vila e, posteriormente, de município, em 13/06/1884, pela Lei Provincial no 1805. Por essa época, contava com uma população em torno de 16.000 almas, maior que a de Jaboatão. Hoje, é um pequeno povoado estagnado economicamente, contando aproximadamente com 200 casas modestas". In: JABOATÃO, Prefeitura Municipal do. *Jaboatão: histórias, memórias e imagens - cadastro dos bens culturais e históricos*. Jaboatão: Fundação Yapoatan/CEPE, 1996, págs. 44 e 54.

<sup>3</sup> A palavra Jaboatão vem do tupy-guarani e existem quatro versões para a origem do nome. 1. Ya, o que tem; PO ou BO, fibra, madeira e ANTÃ, dura. Logo, *madeira muito dura*. 2. JABOTI - tipo de cágado; ATAM

tantas outras suas irmãs - tem a igreja de Santo Amaro no topo da colina mais alta, uma praça (Praça do Rosário) com uma outra igreja (N. S. do Rosário) mais abaixo e o mercado ao lado; e ainda se situa entre as curvas de dois rios - Jaboatão e Duas Unas, como se pode ver na figura 03.

Configuração já estudada por autores como Nestor Goulart<sup>4</sup> e Murillo Marx<sup>5</sup>, dentre outros, e não foge à regra, pelo contrário, antes ainda e enfatiza.



Fig. 3.- Configuração espacial do núcleo de Jaboatão centro. Unibases no 70-72-05 e 70-73-00. Recife, FIDEM, 1998.

## 2. - A morfologia desses espaços

Os pátios e largos, não importando as diversas ordens religiosas, são espaços públicos congregadores e definidores de posturas sociais e urbanísticas<sup>6</sup>, palco de manifestações culturais, cúmplices do comércio local<sup>7</sup>.

---

ou ATÃ, andar. Logo, significa andar *como cágado ou andar devagar*. 3. YAPOATAN - a mais aceita, significa *tronco linheiro*, reto. Era o nome de uma árvore da qual se fabricava mastros para navios pequenos e, tudo indica, nas matas existiam muitas dessas árvores. 4. IAUÁ - jaguar; POATÃ - *mão rija, mão firme*. Ou seja, *mão de onça*. Trata-se de um fruto cheio de espinhos que os selvagens compararam a uma mão áspera, como a mão de uma onça com as unhas estendidas.

<sup>4</sup> "Os núcleos menores, mais antigos, instalavam-se em sua maior parte em sítios acidentados, no topo das colinas. Seus traçados apresentavam, então, no conjunto, características de acentuada irregularidade. As ruas adaptavam-se às condições topográficas mais favoráveis e tendiam a se organizar como ligações entre os pontos de maior importância na vida desses núcleos, sem intenção de ordenação geométrica. Uma constante na forma de organização desses centros era a valorização, por meio de praças, dos pontos de maior interesse para as comunidades. Casas de Câmara, igrejas ou conventos provocam a preservação de um espaço livres destinado à aglomeração de população, decorrente das finalidades desses edifícios. Assim, as preocupações concentravam-se nos locais de reunião, reduzindo-se as ruas, no traçado, quase exclusivamente às funções de ligação e vias de acesso a esses pontos". In: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: 1500-1720*. São Paulo: Pini, 2000, págs. 130-131.

<sup>5</sup> "Uma igreja, uma praça; regra geral nas nossas povoações antigas. Os templos, seculares ou regulares, raramente eram sobrepujados em importância por qualquer outro edifício, nas freguesias ou nas maiores vilas. Congregavam os fiéis, e os seus adros reuniam em torno de si as casas, as vendas e quando não o paço da câmara. Largos, pátios, rocios e terreiros, ostentando o nome do santo que consagrava a igreja, garantiam uma área mais generosa à sua frente e um espaço mais condizente com o seu frontispício. Serviam ao acesso mais fácil dos membros da comunidade, à saída e ao retorno das procissões, à representação dos autos-da-fé. E, pelo seu destaque e proporção, atendiam também a atividades mundanas, como as de recreio, de mercado, de caráter político e militar. À linearidade, as ruas de interligação como as chamadas Direitas. À irregularidade, uma outra ordem que não a das vias ortogonais". In: MARX, Murillo. *Cidade Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1980, p. 54.



Existia quase sempre um calçadão lateral ou frontal ao templo para agregar os fiéis antes ou depois de entrar no templo.

Morfologicamente, os pátios apresentam traçados tortuosos e irregulares, de variadas dimensões, onde se destacava a igreja pela sua escala aumentada da do entorno. Eram ladeados por uma fileira de casas de porta e janela, em linha reta, alinhadas frontalmente e coladas lateralmente, com um visual homogêneo do conjunto edificado. Na sua grande maioria sem arborização, mas sempre gerando uma perspectiva que se abre ou se fecha conforme o ângulo que se esteja. Vejamos alguns exemplos:



Fig. 4.-Configuração espacial do núcleo histórico da Muribeca. Unibases no. 70-72-05 e 70-73-00. Recife, FIDEM, 1981.



Fig. 5.-Igreja de N. S. do Rosário - povoado de Muribeca (séc. XVII). Fonte: *Jaboatão: histórias, memórias e imagens*. Recife: CEPE; Jaboaão: Fundação Yapoatan, 1996, p. 55.

<sup>6</sup> "A centralidade urbana medieval acolhe os produtos e as pessoas, reúne o religioso e o econômico num espaço que, de início, não estava submetido a uma organização morfológica pré-estabelecida, o que pode ser explicado pela própria concepção medieval de espaço ... Nos largos, decorrência fortuita da disposição dos edifícios, se realizavam as feiras, as festas, o contato social. O valor de uso é ali predominante". In: BARTALINI, Vladimir. Os espaços livres públicos como expressões de centralidade. *Paisagem e Ambiente: ensaios*, São Paulo, n. 3, págs. 09-10.

<sup>7</sup> "Paul Zucker, em sua obra de 1959 *Town and Square*, classifica as praças em categorias que, resumidamente, seriam de mercado, de entrada da cidade, de centro, adros de igrejas ou agrupadas". In: LEITE, Maria Ângela F. Pereira. *As tramas da segregação: privatização do espaço público*. São Paulo: FAU.USP, 1998, p. 40, rodapé (mimeo).



Fig. 6.- Ruínas da Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos (séc. XVII), povoado de Muribeca. Foto: Acervo da Prefeitura Municipal de Jaboatão (PMJG), 2005.

Muribeca - Povoado antigo, cujas Igrejas do Rosário e as ruínas da Igreja do Rosário dos Pretos nas duas extremidades, tinham a mesma concepção urbanística que a as Igrejas da Sé e da Misericórdia na cidade alta de Olinda, em que as igrejas como que se entreolham uma para outra, dialogando entre si. Semelhante paisagem a de Olinda, vista a partir do terraço posterior do Mercado da Ribeira, guardando as devidas proporções e diferenças de cotas de nível do terreno. O arruado as interligam, permanecendo casinhas simples de porta e janela, alinhadas rente à rua nas fachadas frontais. Construção comum nos séculos XVI e XVII, conforme as instruções urbanísticas portuguesas à época<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> "... não era permitido a ninguém construir casas sem consentimento prévio dos funcionários da Câmara, que, por sua vez, providenciaram que as ruas fossem retas, largas e espaçosas e que as casas fossem construídas com uma mesma forma e um mesmo tipo de fachada, isso sendo conveniente para a beleza da vila. .... a Coroa é que tinha a ganhar - ordem e regularidade no nível local assegurava o controle absoluto sobre toda a colônia". In: DELSON, Roberta Marx. *Novas vilas para o Brasil-colônia: planejamento espacial e social no século XVIII*. Brasília: Alva-Ciord, 1997, p. 56.



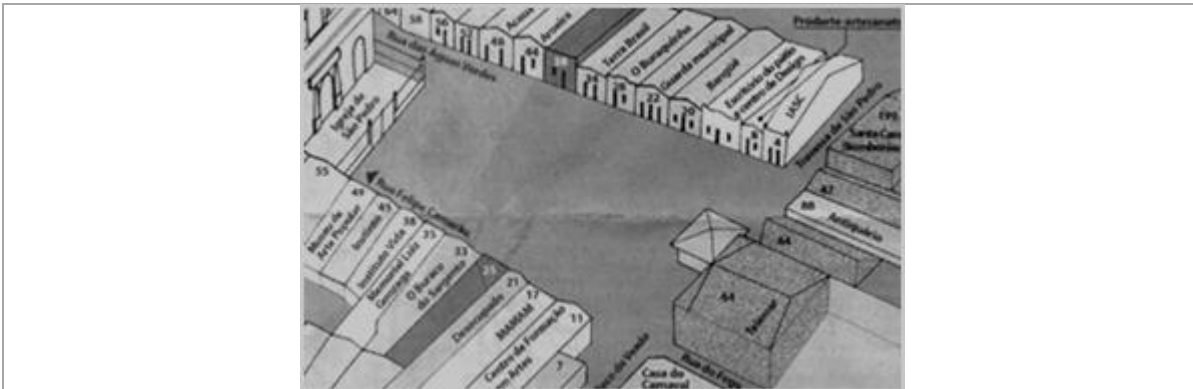


Fig.7.- Pátio de São Pedro e arruados laterais. Fonte: O PÁTIO mais famoso do Recife. *Jornal do Commercio*, Recife, 28 de out. de 2004, Caderno Turismo e Lazer, p. 2.

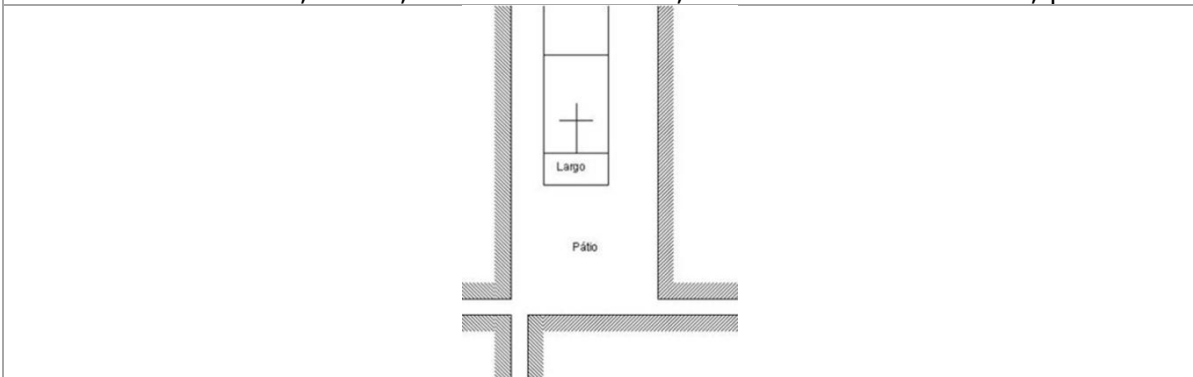
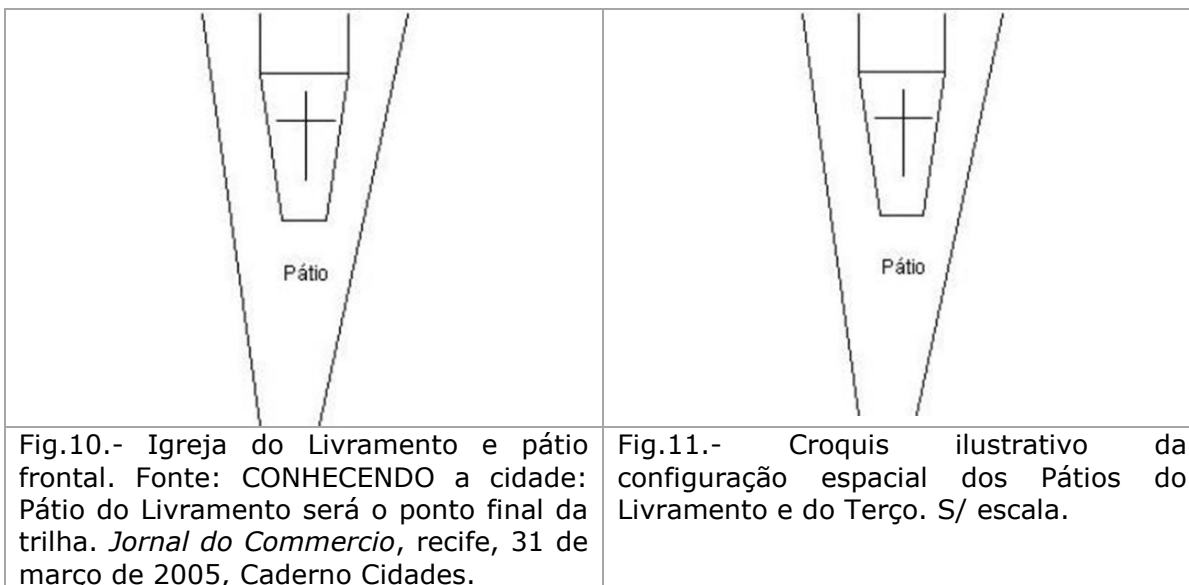


Fig.8.- Croquis ilustrativo da configuração espacial do Pátio de São Pedro. S/ escala.



Fig.9.- Pátio de São Pedro, largo e pátio frontais. Fonte: RECIFE, Prefeitura da Cidade do. Novo Pátio de São Pedro, valorização da nossa cultura, respeito pela história do Recife. Recife, 2000, folheto.

Pátio de São Pedro - Pátio disposto a formar um quadrilátero, tendo na sua frente a fachada frontal da Igreja de São Pedro dos Clérigos, com seu adro frontal gradeado e destacado, duas ruas laterais que vão se estreitando à medida que se afasta da igreja; sendo uma um pouco mais larga que a outra. O arruado mantém o limite frontal e são coladas lateralmente, de gabarito térreo.



Pátio do Livramento e Pátio do Terço - As suas formas são aproximadamente triangulares, com um ponto focal defronte da igreja, de forma a abrir uma perspectiva à frente do templo. Também apresentam duas ruas laterais que se estreitam. Os arruados laterais seguem o mesmo princípio. O Pátio do Livramento já possui bancos e algumas árvores plantadas após a segunda metade do século XX - intervenções recentes.

### 3.- A forte presença da água na identificação desses espaços e em suas proximidades

A relação entre os pátios e adros de igreja no grande Recife e os corpos d'água que os circundam gera uma paisagem peculiar. O modo português de ocupar o território tem nas igrejas e nos seus largos e pátios os pontos focais e de marcação da malha urbana, que não é diferente no Recife, só assume características peculiares, devido ao próprio sítio que já é todo recortado naturalmente. O que só reforça o contorno dessa paisagem, destacando as torres das igrejas a pontuar o conjunto urbano. Mais ainda se o conjunto for observado a partir da água.

O próprio Recife foi tomado às águas<sup>9</sup>, como define Cláudio Cruz<sup>10</sup>:

*"O seu traçado resultou da conjugação de aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos, administrativos, da defesa e da particular geografia do istmo e da planície entre o rio e o mar. Na nossa cidade barroca as ruas não eram planejadas obsessivamente, e disso resultou uma malha, uma escala orgânica e*

<sup>9</sup> Recife - vem do árabe "ar-racif" - arrecife, calçada de pedra, linha de escolhos, dique, cais, molhe, banco ou baixio de mar. In: RECIFE, Prefeitura da Cidade do. *O Recife, histórias de uma cidade*. Recife: Jornal do Commercio/BCP Telecomunicações, 2000, p. 08, fascículo 01.

<sup>10</sup> CRUZ, Cláudio. *Recife: o uso e a forma do espaço livre*. Recife, 2002.  
Fonte: www.arquitetoferraz.com.br/opinião/recife.htm

***a equívoca impressão de que o traçado surgiu 'a vontade', quando na verdade foi à medida em que se conquistavam as terras que afluíam à preamar.***

*Caracteriza o espaço vazio das ruas e pátios a falta de arborização; tal fato se explica pela escassez de terras secas, que determina a pouca largura dos espaços públicos, à crença de que a sombra das árvores era responsável por algumas doenças e porque a vegetação não era associada à cidade, mas aos quintais e ao campo. Nossos pátios surgiram nessa época e alguns se salvaram das reformas urbanas dos séculos seguintes e ainda hoje podem ser apreciados.*

*São espaços públicos resultantes do traçado das ruas, formados geralmente na frente das igrejas onde ocorriam as festas religiosas, então uma das poucas atividades de recreação popular. As atividades nos pátios, ao mesmo tempo profanas e religiosas, deram origem a seu uso diversificado. Com o passar dos anos a complexidade crescente da cidade transformou o conceito e a forma do pátio em largos e praças. No Pátio de São Pedro, com a igreja de 1728, podemos observar o tipo de composição do espaço público bem ao gosto daquela época" (grifos meus).*

Os templos encaram a água meio que 'de lado', não frente-fundo, como é o caso de Apipucos, Poço da Panela e a maioria das igrejas do bairro de Santo Antonio - figuras 12 a15. O que não implica dizer que a água está sempre por perto, nos arredores, compondo o cenário, seja ela mar, rio ou açude. Em Piedade a igreja está 'de lado' literalmente a linha da costa (lado longitudinal paralelo ao mar) - figuras 19 a 21.

O acesso as suas atividades (missas, festas de padroeiras, procissões) era pelo rio - as canoas atracavam nos cais próximos para desembarcarem seus sinhozinhos e sinhazinhas. Há também o lado histórico de escoamento da produção açucareira dos engenhos, as fugas de escravos, o comércio marítimo do centro do Recife. Isso tudo explica a sua proximidade com os cursos d'água - verdadeiras hidrovias da planície recifense em comunicação com o porto.

No caso do Parque Histórico dos Guararapes (Igreja N. S. dos Prazeres) e Olinda, as igrejas nos pontos mais altos serviam de proteção mesmo, de aviso prévio de naus estrangeiras chegando à vila.



Fig.12.- Núcleo histórico de Apipucos, Igreja N. S. das Dores e seu largo em relação ao açude e ao rio Capibaribe. Fonte: Unibase no. 81-62-05. Recife, FIDEM, 1998.

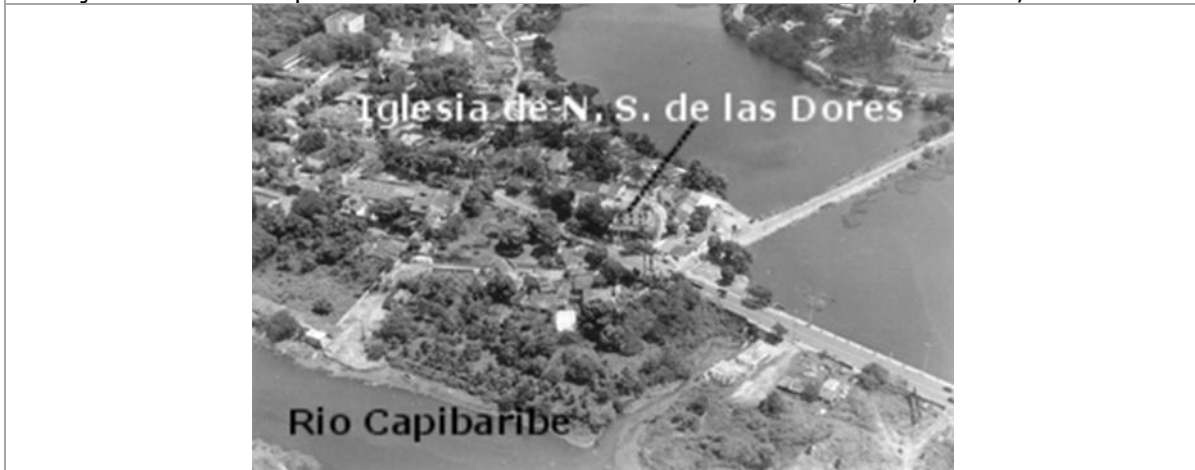


Fig. 13.- Foto aérea do núcleo histórico de Apipucos e seu largo. Foto: Gustavo Maia, 1999.

Apipucos - igrejinha de N. S. das Dores em local privilegiado, no alto da colina, com um largo frontal meio inclinado em relação ao açude. Junto às duas vilas laterais, Vilas Soberana e Anunciada, compõem um arruado, um conjunto muito típico dos primeiros séculos de colonização. Não se sabe se é a posição original desde o engenho, pois houve várias reformas



Fig.14.- Núcleo histórico do Poço da Panela e seu largo em relação ao rio Capibaribe. Unibase no. 81-71-05. Recife, FIDEM, 1998.



Fig. 15.- Igreja de N. S. da Saúde e largo frontal, foto aérea. Foto: Gustavo Maia, 1999.

Poço da Panela - largo frontal à Igreja de N. S. da Saúde, compoendo a fachada junto ao templo, ao poço que deu nome ao bairro e a residência que serve de apoio ao templo (onde outrora viveu um conhecido personagem da história pernambucana - o abolicionista José Mariano), se localiza meio inclinado em relação a curva do rio Capibaribe, que passa logo atrás. Ligação hoje cortada pelas moradias de baixa renda e invasões que presentes na margem do rio. Porém ainda existe precariamente uma passagem, uma travessia de pedestres entre as margens.





Fig.16.- Igreja matriz e Praça de Casa Forte. Unibases nos. 81-81-00 e 81-81-05. Recife, FIDEM, 1998.



Fig.17.- Matriz de Casa Forte e largo frontal. Foto: Gustavo Maia, 1999.

**Rio Capibaribe**      **Estrada Real del Poço**



Fig.18.- Praça de Casa Forte em relação ao rio Capibaribe. Foto aérea: Gustavo Maia, 1999.



Matriz de Casa Forte - ponto final do caminho - Estrada Real do Poço, que ligava a casa grande do engenho a beira rio. Apresenta um largo frontal com cruzeiro - tem a sua frente uma grande praça - a Praça de Casa Forte, na qual se recria três espelhos d'água, e dois arruados laterais, que também não foge à regra dos alinhamentos frontais em relação a rua.

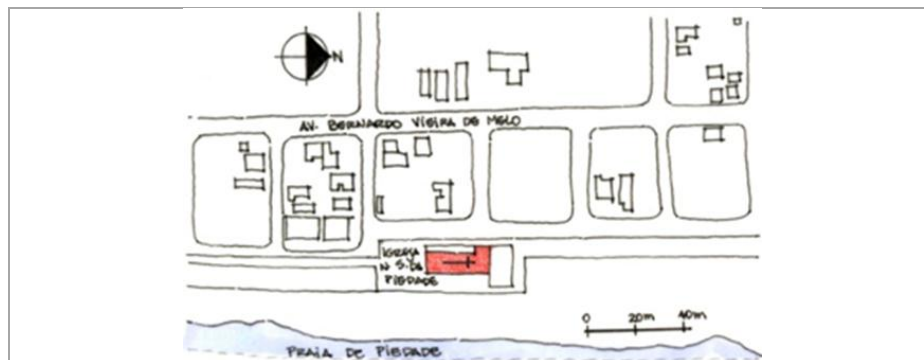


Fig.19.- Igreja de N. S. da Piedade e pátio frontal em relação ao mar. Unibase no. 89-96-05. Recife, FIDEM, 1998.



Fig.20.- Igrejinha de Piedade e edifício ao lado. Fonte: Jaboatão: *histórias, memórias e imagens*. Recife: CEPE; Jaboatão: Fundação Yapoatan, 1996, p. 66.



Fig. 21.- Igrejinha de Piedade e seu pátio frontal. Foto: a autora, 2005.

Igrejinha de Piedade - situa-se a beira mar, com seu lado longitudinal totalmente paralelo à costa. Templo singelo, de pequena escala, situado próximo a linha férrea de outrora, hoje fora de escala em relação aos edifícios seus vizinhos. Seu pátio frontal ainda favorece os contatos sociais e atividades da igreja, hoje local de feirinha típica aos domingos.

#### **4. - O panorama atual**

A paisagem é peculiar e única, mas ao mesmo tempo é tão semelhante a tantas outras Brasil afora. São capelas simples, singelas em sua maioria, sem grandes ostentações, mas que no entanto, trazem uma enorme identificação, conforto e segurança aos moradores desses bairros.

Hoje a centralidade desses bairros está nestes largos e igrejas, mas a identificação dos moradores se estão nesse ou naquele bairro se passa através da proximidade e identificação de tais largos e igrejas tombados, e mesmo marcam o fluxo de usos e passagem (o ir e vir) das pessoas. São ao mesmo tempo identidade e identificadores desses bairros, exercem a dupla função simultaneamente. Apesar de significações diferenciadas - identidade e identificação, estes significados se sobrepõem nesses casos.

A questão não é a arquitetura religiosa em si e suas entidades (franciscanos, carmelitas, beneditinos, etc), mas o desenho de seu pátio, seu adro, espaços fronteirços enfim, de uso comunitário que têm muito significado no Nordeste, pois até hoje congrega os habitantes locais, seja para percursos de procissões, seja para gritos de Carnaval, Festas Juninas, Novenas de Natal. É o espaço congregador, de identidade desses bairros e comunidades. Não é diferente nos bairros de elite. Nem se perdeu com o tempo. Ainda hoje é assim. Como são famosos na cidade os gritos de Carnaval no largo do Poço da Panela (blocos que fazem prévias antes do Carnaval, emendando as festividades com a festa da padroeira - N. S. da Saúde, 02 de fevereiro). O Natal e Ano Novo na Praça de Casa Forte. A noite dos tambores silenciosos no Pátio do Terço (3ª feira de Carnaval).

#### **5. - Conclusão**

Em suma, podemos dizer que os pátios, largos e adros são expressões de um tempo passado que permanece, de um modo de vida de outrora, têm sempre edifícios históricos em seus entornos imediatos. Mas por outro lado, ainda apresentam mesinhas na calçada, as atividades cívico-religiosas-profanas continuam interligadas entre si, e ainda focam as centralidades de usos e de fluxos de pessoas. Apresentam uma morfologia própria, um processo histórico de formação, são qualificados e qualificadores de usos e projetos e compõem eixos visuais e perspectivas. De reconhecimento de território - aproximações e cercanias, centralidades.

Tanto nos arrabaldes como na área portuária central são exemplos essenciais para a identificação desses bairros. Possuem uma dinâmica que não foi alterada ou substituída ao longo do tempo. Continuam sendo espaços de fortes significados tanto para o reconhecimento como para o uso por parte da população.

Embora a concepção possa ter tido influência portuguesa ou holandesa - como no bairro de Santo Antonio - as igrejas, seus largos e pátios continuam a fazer parte intrínseca desta cidade.

Hoje os arranha-céus já convivem com esses espaços, como no entorno da Praça de Casa Forte e em Piedade, alterando a escala da paisagem construída outrora.

São monumentos tombados, testemunhos da história de ocupação deste trecho de litoral. Que além da preocupação portuguesa em fixar o domínio do território, estimulava a construção dos núcleos e aglomerados urbanos próximos aos corpos d'água, o próprio Recife nasceu da água, traz no bojo de sua certidão de existência essa característica - de terras tomadas ao mar e aos rios. Os templos só vieram a pontuar esse sítio geográfico, hierarquizando os trechos de ocupação - quanto à importância histórica dos acontecimentos, quanto à ordem cronológica de ocupação, área portuária e terras longínquas, arrabaldes, abrindo amplas perspectivas para o futuro.

### **Referências bibliográficas**

AKAMINE, Rogério. "A paisagem urbana, espaços livres cívicos - análise, critérios de projeto e avaliação". *Paisagem e Ambiente: Ensaios*, São Paulo, n. 5, p. 93-120, 1994.

BARTALINI, Vladimir. "Os espaços livres públicos como expressões de centralidade". *Paisagem e Ambiente: Ensaios*, São Paulo, n. 3, p. 07-14, 1989.

CRUZ, Claudio. "Recife: o uso e a forma do espaço livre". Recife, 2002. Disponível em: [www.arquitetoferraz.com.br/opiniao/recife.htm](http://www.arquitetoferraz.com.br/opiniao/recife.htm)

DELSON, Roberta Marx. *Novas vilas para o Brasil-colônia: planejamento espacial e social no século XVIII*. Brasília: Alva-Ciord, 1997.

GUERRA, Flavio. *Velhas igrejas e subúrbios históricos*. Recife: Prefeitura Municipal do Recife, 1960.

JABOATÃO, Prefeitura Municipal do. *Jaboatão: histórias, memórias e imagens - cadastro de bens culturais e históricos*. Jaboaão: Fundação Yapoatan/CEPE, 1996.

LEITE, Maria Ângela F. Pereira. *As tramas da segregação: privatização do espaço público*. São Paulo: FAU.USP, 1998.

LYRA, Maria do Socorro, JONES, Silva. *Conhecendo nosso município: Jaboaão dos Guararapes*. Recife: Metrorec, 2003.

MARX, Murillo de Azevedo. *Cidade no Brasil: terra de quem?* São Paulo: Edusp/Fapesp, 1991.

\_\_\_\_\_. *Cidade Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1980.

PONTUAL, Virgínia, SÃ CARNEIRO, Ana Rita (orgs.). *História e paisagem: ensaios urbanísticos do Recife e de São Luís*. Recife: Bagaço, 2005.

RECIFE, Prefeitura da Cidade do. *Preservação de Sítios Históricos*. Recife: Empresa de Urbanização do Recife, 1981.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: 1500-1720*. São Paulo: Pini, 2000.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita, MESQUITA, Liana de Barros (orgs.). *Espaços livres do Recife*. Recife: Prefeitura Municipal da Cidade do Recife/UFPE, 2000.

ZUCKER, Paul. *Town and square: from the agora to the village green*. New York: Columbia University Press, 1959.